



Filosofia da linguagem: mediando geografia e literatura

Marcos Aurélio Marques¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo propor a filosofia da linguagem enquanto ferramenta teórica a abordagens interdisciplinares. Especificamente neste artigo, a filosofia da linguagem intermedia a relação entre geografia e literatura. Para isso exploramos o pensamento do filósofo russo Mikhail Bakhtin e dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari identificando alguns pontos de intersecção entre suas obras. São ainda explorados os conceitos de rizoma de Deleuze e Guattari e o conceito de dialogismo em Bakhtin, buscando entender de que forma esses conceitos se relacionam e se complementam na compreensão do sentido da literatura.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Filosofia. Linguagem.

RESUMÉ

Ce article a le objetif de proposer la philosophie du langage comme une outil théorique pour le travail interdisciplinaire. Plus précisément dans le présent article, la philosophie du langage fait l'interlocution entre la géographie et la littérature. Nous exploitons la pensée du philosophe russe Mikhaïl Bakhtine et des philosophes français Gilles Deleuze et Félix Guattari en identifient certains points d'intersection entre leurs œuvres. Sont également exploré les concepts de rhizome de Deleuze et Guattari et le concept de dialogisme dans Bakhtine, cherchant à comprendre comment ces concepts concernent et se complètent mutuellement dans la compréhension de la signification de la littérature

Mots-clés: Géographie. Littérature. Philosophie. Langage.

INTRODUÇÃO

Quando se pretende trabalhar com um objeto de estudo utilizando-se da filosofia da linguagem, corre-se o risco de cair rapidamente nos arcabouços dos chavões e das frases feitas. Entendemos que dizer o óbvio não é propriamente o objetivo do trabalho acadêmico, então os clichês utilizados inadvertidamente como o de sermos seres antes de tudo linguísticos e que isso nos distingue em primeira instância dos demais animais torna-se dispensável. Há esforços diversos no sentido de ampliar as reflexões no campo da linguagem para além das fronteiras do óbvio. O pensamento de filósofos como Mikhail Bakhtin, Deleuze e Guattari são exemplos disso. E é exatamente o diálogo entre

¹Doutorando do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFPR – Universidade Federal do Paraná. Av. Cel. Francisco H dos Santos, 100 - Centro Politécnico - Bloco 5, Sala PH17 - CEP 81531-980 Caixa Postal 19001-Curitiba – Paraná – e-mail: aureliomarque@yahoo.fr



eles que pretendemos discutir neste artigo, pois entendemos que a filosofia desenvolvida por eles, cada um a seu tempo, pode servir como sólido intercessor teórico em trabalhos interdisciplinares nas ciências humanas e nas artes.

Devemos lembrar que os livros de Deleuze e Guattari que utilizamos neste artigo, foram escritos em parceria entre os dois, quando o pensamento do filósofo Gilles Deleuze e do psicanalista Félix Guattari fundem-se em um só. É por esse motivo que tratamos o pensamento de ambos, construído conjuntamente, como um só. Entendemos que o pensamento dos franceses acerca do caráter rizomático das coisas e o conceito de dialogismo de Bakhtin oferecem a possibilidade de inter-relacionar diferentes áreas do saber, pois eles diluem a noção de centro e hierarquia em suas trajetórias filosóficas. Uma vez postas em pé de igualdade e sem fronteiras rígidas, as áreas do conhecimento estão livres para dialogar. É o caso da geografia e da literatura em nosso trabalho.

Especialmente neste artigo, trabalhamos com textos de alguns poetas brasileiros como Affonso Romano de Sant’Anna e Luiz Bacellar a fim de ilustrar as discussões aqui empreendidas.

Bakhtin e o caráter social e rizomático da linguagem

O surgimento da obra de Mikhail Bakhtin na segunda metade do século XX trouxe à baila alguns conceitos que passaram a povoar o pensamento acadêmico quase exaustivamente, o que causa certa desconfiança, compreensível, em relação ao filósofo russo, pois como adverte José Luiz Fiorin (2006, p. 60), “cada um lê o Bakhtin que serve aos seus propósitos”.

Claro que o amplo uso de abordagens ancoradas nas ideias de dialogismo, polifonia, cronotopo ou gêneros de discurso não as invalidam. A própria concepção de linguagem de Bakhtin abre a possibilidade de uma ampla aplicação de seu pensamento às mais variadas áreas das ciências humanas quando ele entende que a própria realidade só é apreensível por intermédio da linguagem,



O texto (escrito ou oral) enquanto dado primário de todas essas disciplinas, do pensamento filológico-humanista no geral (inclusive de pensamento teológico e filosófico em sua fonte). O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única da qual pode provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento (2011, p. 307).

Se a linguagem é mediadora de tudo, então deveríamos leva-la em consideração em toda reflexão que envolva os fenômenos humanos. Salientando que ele também afirma que sua filosofia ocorre em “campos limítrofes”, percorrendo diversas disciplinas inclusive explorando suas intersecções, pois uma disciplina pura, sem contato com outras áreas, só existiria enquanto abstração.

A amplitude do pensamento de Mikhail Bakhtin também se reforça quando ele entende o texto “como qualquer conjunto coerente de signos” (2006, p. 307). Assim, tanto uma tela de Paul Cézanne sobre o monte Sainte-Victoire na região de Aix-en-provence quanto uma tela em que Frida Kahlo derrama seu lirismo são texto. Da mesma forma que o espaço geográfico, observado sob essa perspectiva, também é sempre texto, pois ele passa a ser objeto de estudo para o geógrafo na medida em que se constitui em um conjunto coerente de signos. Ou ainda, sintetizando poeticamente,

É tudo texto o que vejo
é tudo texto o que piso
e o que não sinto ou percebo
também é texto invisível
derrama-se sobre o papel
a louca escrevinhação
escorre a escrita nas calhas da mão
como chuva-manga de verão
(SANT’ANNA, 2004, p. 285).

Nos versos do poema “O burro, o menino e o Estado Novo”, do poeta brasileiro Affonso Romano de Sant’Anna, o poeta enquanto menino trava um diálogo imaginário com sua professora diante de uma gravura escolar banal vivendo em plena ditadura. A imaginação alada do poeta pensa os mundos em potência “com as asas dos seus olhos / brincando no verde vento” (2004, p. 278), enquanto se sente aprisionado na sala de aula. E o que o liberta é o texto, é a linguagem, que por natureza, não se prende à fronteiras,



Tudo é texto
é texto tudo
que extravasa da gravura
rompe a moldura da sala
é texto tudo que vejo
é texto tudo que piso
e já não há mais fronteira
entre a gravura e meu corpo
entre o menino e a carteira
entre o que é cena primária
e o que é cena brasileira.

Tatuado, amarelo e verde
meu corpo virou bandeira.

Caxias, Barroso, Osório
- sou menino furioso
trotando murros no rosto
do vizinho paraguaio
(2004, p. 284).

A ruptura das fronteiras impostas por um devir majoritário (o discurso ufânico da ditadura), mesmo por um aparelho de estado fascista getulista, ocorre no devir minoritário da linguagem que flexiona as linhas rígidas que se impõe pelo poder oficial da sala de aula nesse texto. A mistura de corpos se revela a partir das fusões gravura-corpo, menino-carteira, cena primária-cena brasileira. A transformação se projeta em seguida no questionamento da história oficial ensinada como um discurso majoritário sobre “heróis de falsas lutas”, como o próprio poeta define.

O próprio surgimento das ciências humanas no século XIX se dá no que Bakhtin chama de “desconfiança”. Isso leva a uma reviravolta na maneira de se encarar a realidade, pois a fé exigia apenas uma compreensão, nunca uma discordância. Sendo assim, “independente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser ponto de partida” (BAKHTIN, 2011, p. 308). A leitura, empregada em sentido amplo, é a base da pesquisa para que seja possível apreender um determinado objeto.

Para fugir de superficialismos, pretendemos aqui verticalizar a abordagem de algumas proposições presentes na obra de Bakhtin, sobretudo quando envolve os seu pensamento acerca da literatura. Muitas vezes esta área foi o campo de aplicação e desenvolvimento de seus conceitos, como o de polifonia, quando Bakhtin entendeu que



o romance de Dostoiévski era polifônico (dotado de múltiplas vozes que incidem independentes no discurso romanesco), ou de cronotopo (tempo e espaço) ao entender que os textos literários nos revelam o espaço-tempo de épocas passadas. A ênfase dada à literatura por Bakhtin, vale lembrar, sempre privilegiou o romance, que segundo ele, era o gênero polifônico por excelência. Obviamente, Bakhtin (2011) não ignorou a poesia, em ensaios como “Peculiaridades formais da poesia de Viatcheslav Ivánov ou O tempo e o espaço nas obras de Goethe”. Sobre Goethe ele destaca a consciência histórica presente nas obras do poeta alemão bem como seu interesse e preocupação pelo espaço, ao pensar o mundo, uma preocupação cronotópica,

A visão histórica de Goethe sempre se baseia em uma percepção profunda, minuciosa e concreta da região (Localitat). O passado criador deve revelar-se como necessário e eficaz nas condições de dada região, como humanização criadora dessa região, que transforma um pedaço do espaço terrestre em lugar de vida histórica dos homens, em um cantinho do mundo histórico (2011, p. 236).

Em obras como *O Sofrimento do Jovem Werther*, por exemplo, veremos o desenrolar da história do amor não realizado do protagonista por Carlota em uma narrativa epistolar sob um espaço bucólico, pastoril, formado por pessoas simples como é descrito nas primeiras cartas da obra. Fica evidente nestas cartas outra afirmação de Bakhtin (2011, p. 225) sobre Goethe que nós é pertinente na geografia, o fato do autor do romantismo alemão notar que o espaço não é algo imóvel, mas sim “um todo em formação”.

Dialogismo: a linguagem em rede dos enunciados

O conceito central da obra de Bakhtin é o de dialogismo. Para começar a discutir esse conceito trazemos uma definição que nos parece bastante esclarecedora feita por Beth Brait (2005, p. 94),

Por um lado, diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma



comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

A ideia de permanente diálogo que consagrou o pensamento de Bakhtin entende a linguagem sempre como um ato social. A partir de então, devemos considerar o campo das reflexões linguísticas sempre no âmbito da coletividade e das tensões da sociedade. O discurso torna-se o ato de inteligibilidade pelo qual uma comunidade ou uma cultura (coisas intrínsecas) se manifestam no social. Por consequência, a leitura de um discurso, ressaltando que leitura e discurso estão aqui entendidos em seu sentido mais amplo possível, é uma leitura da sociedade em um tempo e em um espaço, ou seja, “a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado” (BRAIT, 2005, p. 93). A interdiscursividade está em qualquer relação humana e só pode existir nela.

Outro autor brasileiro que é referência é José Luiz Fiorin. É ele quem chama a atenção que para compreender diálogo em Bakhtin é preciso entendê-lo como a “dialogização interna das palavras” (2008, p. 19), ao contrário do que os mais desavisados poderiam imaginar, não é diálogo enquanto conversa entre pessoas face a face. É algo inerente à linguagem e que toda linguagem é impregnada por muitas outras vozes e que mesmo uma palavra, quando enunciada, é perpassada pela palavra de outros.

Isso quer dizer que o enunciador, para construir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Ademais não se pode pensar o dialogismo em termos de relações lógicas ou semânticas, pois o que é diálogo no discurso são posições de sujeitos sociais, são pontos de vista acerca da realidade. (FIORIN in: BRAIT, 2005, p. 218)

Uma definição mais precisa e completa da ideia de dialogismo nos é oferecida pelo próprio Fiorin (2006) que a divide em 3 conceitos: todos os enunciados constituem-se a partir de outros; o enunciador incorpora a voz ou as vozes de outros; a subjetividade se constitui também dialogicamente.

Mas antes de entendermos os três conceitos acima elencados pelo autor, fazemos uma ressalva a outro que nos parece fundamental, o de enunciado. Sobretudo devido ao



fato de que a aplicação nesse trabalho ocorre no campo da geografia e literatura, áreas que possuem seus enunciados próprios. Podemos também entender, a partir da concepção de gêneros do discurso de Bakhtin (2011), que as duas áreas aqui postas em questão são dois gêneros do discurso com suas diferenças, mas aptos a dialogarem entre si e com as demais áreas do conhecimento.

O enfoque de Bakhtin é sempre no uso real da língua, no funcionamento prático, em detrimento ao que ele mesmo chama de ficção (2011, p. 273), que seriam apenas esquemas do tipo emissor-receptor de uma determinada mensagem. Esses esquemas devem ser vistos apenas com abstração, jamais aplicáveis na prática, porque na vida real, tanto o emissor quanto o receptor contém em si aspectos um do outro. Quem emite um discurso está impregnado por outras vozes que chegam nele no momento da elaboração do enunciado, assim como quem recebe o discurso já está ao mesmo tempo elaborando uma réplica, “ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva” (BAKHTIN, 2011, p. 271). O uso real da língua, tão aclamado por Bakhtin, está calcado no enunciado que é dialógico por natureza.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2011, p. 261)

O uso de enunciados pelo falante implicam escolhas que, por fim, determina outro conceito seu, o de gêneros do discurso. Importante ressaltar ainda que para Bakhtin, não se pode acessar diretamente a realidade, pois ela será sempre mediada pela linguagem. Ou seja, não apreendemos o espaço geográfico em si, mas sim tudo aquilo que o reveste semioticamente.

Os enunciados são únicos, pois os acontecimentos sendo sempre em tempos diferentes serão irrepetíveis, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 272). A distinção entre as unidades da língua (sons, palavras, orações) e enunciado é indispensável, pois é



importante perceber que unidades da língua não são dialógicas, pois são repetíveis, já os enunciados não. Estes são acontecimentos, funcionamento real da língua. E assim vemos que “o primeiro conceito de dialogismo diz respeito, pois, ao modo de funcionamento real da linguagem: todos os enunciados constituem-se a partir de outros” (FIORIN, 2008, p. 30). Ou seja, sem funcionamento real da língua, não há dialogismo, e em todo funcionamento real da língua, o dialogismo aparece inevitavelmente. Se pensarmos o mundo por intermédio da filosofia da linguagem estaremos em um terreno onde tudo é linguagem e, por consequência, tudo é dialógico. Só assim entendemos que a realidade é inapreensível, e só temos acesso a ela pela linguagem, pelos acontecimentos, pelo funcionamento real da língua, que por sua vez, é dialogismo.

O segundo conceito de dialogismo, para Fiorin (2008, p. 32), é o que se refere à “incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes de outro(s) no enunciado”. Enquanto o primeiro conceito de dialogismo trata da relação de entre enunciados, o segundo é “uma forma composicional. São maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso”. O segundo conceito é bastante utilizado, por exemplo, em trabalhos acadêmicos, pois nesses tipos de textos, há todo momento demarcamos por meio de recuo de parágrafo, aspas, por exemplo, o discurso alheio que incorporamos ao nosso como réplica de um enunciado, tanto para concordamos e/ou complementarmos ou para discordar.

A incorporação pelo enunciador de outros enunciados ocorre de diversas maneiras ainda, como no discurso direto, no discurso indireto ou no discurso indireto livre, este último mais próprio da literatura e muito frequente em autores como Clarice Lispector ou Caio Fernando Abreu. Sendo assim, as vozes incorporadas pelo enunciador podem ser demarcadas ou não, quando não são claramente demarcadas, vão depender de certa leitura de mundo por parte do interlocutor a fim de identificar as vozes que falam em determinado enunciado. Salientamos, em especial, um tipo de incorporação: a intertextualidade. O termo foi cunhado pelo linguista francesa Julia Kristeva na década de 60 a partir da leitura da obra de Bakhtin. Kristeva via na linguagem algo revolucionário.



O principal respaldo para esta afirmativa consiste na visão de que, ao desafiar e transformar a linguagem, a arte pode revelar e abalar estruturas políticas e sociais mais amplas. *Só realizando uma revolução na linguagem nós podemos realizar uma revolução na sociedade* (WILLIAMS, 2012, P. 190, grifo do autor).

Concebendo a visão bakhtiniana sobre a linguagem como um cruzamento de textos, Kristeva então vê o diálogo entre textos como um processo de intertextualidade. Para exemplificar, tomemos uma passagem do poema “A grande fala do Índio Guarani perdida na história e outras derrotas”,

E assim releio os meus poetas de ontem
e reelaboro
o meu perdido ouro. Os de ontem me deserdam
e os de hoje me pervertem.
Perdido narciso
caio com Cecília num labirinto de cismas:
- em que espelho ficou perdida a minha face?
Olho ao redor: Neruda
já não me valeria com seus mariscos, cebolas, *los versos*
más tristes esta noche, seus andinos despenhadeiros,
as ilhas negras e as fissuras entre leste e oeste.
Assim, mantendo uma alheia fome
sucede que me canso de ser hombre
(SANT’ANNA, 2004, p. 182, grifos do autor).

O discurso do poeta é depositário de outros, sempre em processo de reelaboração. Apenas nessa pequena passagem do poema é possível ver a incidência das vozes da poeta brasileira Cecília Meireles e do chileno Pablo Neruda. Aqui temos o que chamamos de incorporação marcada (pelos versos em itálico) de versos inteiros de outros poetas. Essa incorporação não passa incólume, pois em toda citação, explícita ou não, inevitavelmente incide uma ressignificação que pode ser tanto no sentido de paródia, com inversão do sentido original do texto, ou uma estilização, quando há uma manutenção do sentido original do texto.

A obra de Affonso Romano de Sant’Anna é reiteradamente intertextual. Nos versos acima citados a geografia andina lhe vem pelos versos de Neruda que o remetem ao lugar onde viveu o poeta chileno. E entre “mariscos, cebolas” e “andinos despenhadeiros” está destacado o verso de Neruda, num exemplo de incorporação geográfica da poesia, que hoje também é parte da geografia daquela região. Uma



demonstração de como que, dialogicamente, geografia e poesia conversam enquanto uma vai compondo a outra.

O terceiro conceito de dialogismo diz respeito à subjetividade constituída através das relações sociais, “o indivíduo constitui-se em relação ao outro” (FIORIN, 2008, p. 55). Não está simplesmente à mercê de estruturas sociais nem está totalmente autônomo em relação à sociedade, ou seja, nesse caso “o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação”. O sujeito se constitui dialogicamente. Não há como, enquanto ser detentor de uma consciência histórica, ser diferente. Da mesma forma que a dimensão subjetiva não esta nunca acabada, mas em constante devir.

Entendemos que a partir de uma compreensão mais sólida de dialogismo, podemos caminhar em direção dos demais conceitos de Bakhtin que estarão presentes neste trabalho com mais segurança.

Bakhtin se relaciona intimamente com a literatura no desenvolvimento de sua obra. Ele entende que

A linguagem literária é um sistema dinâmico e complexo de estilos de linguagem; o peso específico desses estilos e sua inter-relação no sistema da linguagem literária estão em mudança permanente. A linguagem da literatura, cuja composição é integrada pelos estilos da linguagem não literária, é um sistema ainda mais complexo e organizado em outras bases (211, p. 267).

É interessante observar que o autor, ao falar de toda complexidade da linguagem literária, não a isola da realidade linguística não literária. Ele entende a linguagem não literária irá abastecer a literatura. Isso tem a ver com o conceito de gêneros do discurso, “modelos tipológicos de construção da totalidade discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 334), que ele divide em primários e secundários. Os primários seriam os gêneros do dia a dia, quase exclusivamente orais de manifestação espontânea e imediata. Os secundários são os da comunicação cultural mais elaborada, ao qual pertenceria a literatura. Lembrando, essa não é uma divisão hierárquica por nível de importância de um gênero em relação ao outro. Por exemplo,

Há 500 anos dizemos:
que o futuro a Deus pertence
que Deus nasceu na Bahia,



que São Jorge que é Guerreiro,
que do amanhã ninguém sabe,
que conosco ninguém pode,
que quem não pode sacode.

Há 500 anos somos pretos de alma branca,
não somos nada violentos,
quem espera sempre alcança
e quem não chora não mama
ou quem tem padrinho vivo
não morre nunca pagão
(SANT'ANNA, 2004, p. 235).

O excerto acima é do poema “Que país é este?” publicado na primeira página do Jornal do Brasil em 1978, algo inusitado em se tratando de poesia. No início do processo de abertura política do Brasil após o período mais violento da ditadura militar, (lembrando que a anistia é de 1978) Sant’Anna trabalha com diversos “dizeres” comuns ao falar brasileiro, ditados que são largamente citados pelo povo. É um exemplo do que seriam os gêneros primários, no entanto, no texto do poeta eles se transformam em gêneros secundários. A partir da incorporação dos diversos dizeres populares o poeta os reelabora ironicamente, pois quando juntamos todos eles, percebemos o quanto eles revelam da letargia típica do brasileiro em face sua dura realidade social. Eles revelam um povo que esconde seu racismo e sua covardia em ditados que adiam uma possível reação contra a condição miserável de exploração que vive nos 500 anos após a chegada dos colonizadores europeus. Como um todo, aliás, a obra poética de Affonso Romano de Sant’Anna, não tem uma visão romântica de povo alienado. Em outra parte do poema “Que país é este?” encontramos o seguinte verso,

O povo, no entanto, não é o cão
e o patrão
– o lobo. Ambos são povo.
e o povo sendo ambíguo
é o seu próprio cão e lobo (2004, p. 243).

A incorporação do discurso popular pela linguagem literária acarreta inevitavelmente uma mudança de sentido, que é própria da natureza dialógica da linguagem.

Deleuze e Guattari: linguagem, desterritorializações e reterritorializações

A concepção de linguagem nascida em Bakhtin segue ecoando em muitos autores até os dias de hoje, como em Deleuze e Guattari. O pensamento dos autores franceses sobre a questão da linguagem é exposto, sobretudo, no volume 02 de *Mil Platôs*, com a devida advertência de que as reflexões sobre a linguagem permeiam toda a obra dos autores franceses. Contudo, é nesse volume que Deleuze e Guattari (1995b) discutem importantes conceitos que nos serão úteis na presente análise, sobretudo o de agenciamento coletivo de enunciação e o de regime de signos, além do que, nesse volume aparecem diversas citações à Bakhtin.

Tais reflexões são importantes por dois motivos. Primeiro porque há em Deleuze e Guattari um conjunto de conceitos que são predominantes e estão presentes em toda a obra dos dois, como a desterritorialização, linhas de fuga, os agenciamentos, o rizoma. Isso ocorre porque um conceito é sempre perpassado pelos outros em um processo rizomático infinito. Em segundo, porque compreender os conceitos no campo da linguagem que eles desenvolveram nos faz encontrar um fundamento na análise geográfica da poesia. O fato de os agenciamentos coletivos de enunciação estarem em tudo e em tudo ser possível identificar uma noção filosófica de território faz com que um estudo literário possa também ser um estudo de território.

Ao defenderem que todo discurso é indireto eles colocam a linguagem como algo dialógico por excelência. “Existem muitas paixões em uma paixão, e todos os tipos de voz em uma voz, todo um rumor glossolalia: isto porque todo discurso é indireto, e a translação própria à linguagem é a do discurso indireto” (DELEUZE & GUATTARI, 1995b, p. 13). Ou seja, o discurso não gira em torno de si mesmo num movimento de rotação, mas sim desenvolve um movimento de translação em torno de outros discursos, iluminando e sendo por eles iluminados.

A concepção de linguagem dos autores franceses em muitos momentos tem pontos de contato com o pensamento de Bakhtin, como aponta Daniel Delas “De fato, *Mille Plateaux*, obra publicada em 1980, o filósofo e o psicanalista consagram uma plataforma aos ‘Postulats de la linguistique’ com uma referência explícita a Bakhtin” (*in*: BRAIT, 2005, p. 47). O autor destaca o fato de Deleuze e Guattari reconhecerem



que Bakhtin foi um dos poucos linguistas que realmente percebeu o caráter social da língua.

O artigo de Delas une as poéticas da linguagem de Mikhail Bakhtin e de Edouard Glissant, escritor nascido na Martinica, pela “ponte” Deleuze e Guattari. O próprio Glissant também vê com bons olhos a visão rizomática de linguagem que Deleuze e Guattari quando propõe uma poética da Relação, em que pensando o humano sob uma perspectiva rizomática, sua identidade será estendida numa relação para com o outro (DELAS, in: BRAIT, 2005, p. 50).

Esse cruzamento é possível porque a natureza do rizoma é ser dialógico. E a base do dialogismo está no enunciado. Para Deleuze e Guattari, assim como para Bakhtin, a unidade elementar da linguagem é o enunciado. Contudo, para os franceses o enunciado é a palavra de ordem (DELEUZE & GUATTARI, 1995b, p. 12). A ideia da palavra de ordem é largamente trabalhada por Deleuze e Guattari. Isso ocorre porque eles recorrem ao performativo, relação intrínseca entre a fala e determinadas ações (aceito o casamento) e mais frequentemente, ao ilocutório, ações que se realizam quando falamos, “uma ação que modifica as relações entre os interactantes: assertar, prometer” (MAINGUENEAU, 1998, p. 17). Assim, a linguagem não seria representativa, pois ela jamais vai de um ponto não linguístico para uma descrição linguística que o represente. Ela “vai sempre de um dizer a um dizer” (DELEUZE E GUATTARI, 2005b, p. 13). É como Bakhtin fala apenas o mítico adão bíblico seria capaz de não ter sido dialógico quando rompeu o silêncio eterno do universo (2011, p. 300). Em termos gerais, a palavra de ordem é a relação dos enunciados com seus pressupostos implícitos. Sendo assim, a palavra de ordem é imanente ao enunciado, ao discurso. Todos os atos de fala estão ligados a uma “obrigação social”, uma pergunta, uma resposta, o poema publicado, o poema declamado, o poema escrito.

A palavra de ordem, enquanto performativo, produz transformações nos corpos, já que o performativo diz respeito ao enunciado que realiza uma ação. A palavra de ordem faz da palavra um enunciado (DELEUZE E GUATTARI, 1995b, P. 21), a reveste de uma intencionalidade,



É por isso que o agenciamento coletivo de enunciação não tem outros enunciados a não ser aqueles de um discurso sempre indireto. O discurso indireto é a presença de um enunciado relatado em um enunciador relator, a presença da palavra de ordem na palavra. É toda linguagem que é discurso indireto (1995b, p. 23).

Disso tudo não fica difícil concluir que, ao entender todo enunciado como palavra de ordem e como um discurso indireto livre, o que irá garantir o conteúdo dialógico é o agenciamento coletivo. Ao considerarem o caráter social da linguagem, eles vão ao extremo de dizer que “não existe enunciação individual nem mesmo sujeito da enunciação” (1995b, p. 17). Salientamos que em Bakhtin não é assim, nele, há esse sujeito da enunciação enquanto ser dialógico de linguagem.

Os agenciamentos, por sua vez, estão em constante variação. Em processos de desterritorialização e reterritorialização. É sob a perspectiva dos agenciamentos coletivos de enunciação, inclusive, que começamos a entender um poema, um livro ou mesmo toda a obra de um escritor como território, um categorial geográfico. Temos na obra literária um regime de signos (uma semântica), discursos indiretos que a todo instante se cruzam, uma linguagem própria dela. Bem como um agenciamento maquínico de corpos que são os corpos do escritor, do livro, etc. Lembramos que os dois agenciamentos criados por Deleuze e Guattari (1995b, p. 29) estão constantemente perpassando um ao outro, não estabelecendo relações dicotômicas. Ainda, para eles, o território também é construído pela desterritorialização e pela reterritorialização (HAESBAERT E BRUCE, 2007, p. 8).

Passamos dos comandos explícitos às palavras de ordem como pressupostos implícitos; das palavras de ordem aos atos imanentes ou transformações incorpóreas que eles expressam; depois aos agenciamentos coletivos de enunciação dos quais eles são variáveis. (DELEUZE E GUATTARI, 1995b, p. 23)

Essa citação situa como é o movimento da linguagem para Deleuze e Guattari. Eles pretendem entender o território enquanto algo que é perpassado por linhas de fuga. Por agenciamos coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos de corpos. Os dois indissociáveis. Teríamos ainda nesse cruzamento a desterritorialização e a reterritorialização.



Embora Deleuze e Guattari tratem de muitos de seus conceitos em duplos, eles jamais se constituem em dicotomias. Os duplos dos filósofos são sempre móveis sem linhas rígidas que os separem, o que faz com que sempre um elemento contenha algo do outro. Assim é com os rizomas, que contêm pontos de arborescência, ou com a desterritorialização, que só ocorre se houver uma reterritorialização.

Inclusive a leitura que os autores franceses fazem de um campo social passa por esses quatro elementos. Para eles a sociedade se explica mais por intermédio deles do que pela infraestrutura ou superestrutura, conflitos ou contradições. Os agenciamentos são misturas de corpos.

Outro aspecto fundamental do pensamento de Deleuze e Guattari acerca da linguagem é o fato de eles não entenderem que há uma divisão entre conteúdo e expressão. “O conteúdo não é um significado nem a expressão um significante, mas ambos são variáveis do agenciamento” (1995b, p. 33). Aliás, para eles aí está a grande chave para uma compreensão da linguagem, entende-la pelo viés das variáveis. Além, é claro, de pensa-la como rizoma, rompendo com ideias concebiam linguagem dentro de modelos arborescentes. É assim quando eles buscam discutir o signo linguístico.

O regime do signo (o signo significante) possui uma fórmula geral simples: o signo remete tão somente ao signo, infinitamente. É por isso que é mesmo possível, no limite, abster-se da noção de signo, visto que não se conserva, principalmente, sua relação com um estado de coisas que ele designa nem com uma entidade que ele significa, mas somente a relação formal do signo com o signo enquanto definidor de uma cadeia dita significante. O ilimitado da significância substitui o signo. [...] Não se trata ainda de saber o que o tal signo significa, mas a que outros signos remete (DELEUZE E GUATTARI, 1995b, p. 62).

O signo remete ao signo, se desterritorializa de forma circular. Entre oito aspectos e princípios do regime significante do signo elencados por Deleuze e Guattari, dois nos parecem fundamentais para entender a questão da linguagem. Um deles é que os signos são uma rede infinita e circular (1995, p. 63). São por natureza desterritorialização em potência, o que leva ao segundo aspecto que consideramos importante nesse momento, o da “circularidade do signo desterritorializado” (1995b, p. 68). Em análises literárias de poesia pensar o signo é fundamental, pois a característica



do texto poético de muitas vezes condensar significados em uma única palavra prescinde de uma boa dose conhecimento linguístico para sustentar as impressões do crítico.

A língua e suas variações

Para Deleuze e Guattari o uso prático da língua em distintas situações no dia a dia faz a língua variar. Eles pensam a língua enquanto uma variação contínua. Variação dentro da própria língua inclusive. Teríamos assim diferentes sintaxes, fonologias, semânticas quando falamos dentro de uma estrutura familiar ou dentro de um ambiente de trabalho. A língua não varia de indivíduo para indivíduo, mas no uso individual de cada sujeito. Ou varia dentro do texto de um autor.

A título de exemplo, Luiz Bacellar, poeta Amazonense, é capaz de dentro da mesma obra, *Frauta de Barro* (sic), publicada originalmente em 1963, utilizar uma linguagem próxima ao do heterônimo classicista de Fernando Pessoa, Ricardo Reis ao escrever no poema “Ode a Ricardo Reis”,

Assim tu foste! Assim viveste a vida!
E assim também spero (sic) o festim mágico
Em que hei de ser contigo
No mármore perene
De um tricínio com os divos reclinado
De perfumados pânpanos coroados
Liberto eternamente!
(BACELLAR, 2011, p. 111)

À feição clássica o poema coloca o sujeito poético com a mesma expressão de uma linguagem rebuscada de Ricardo Reis e ainda explora a condição de anonimato de Pessoa, que só obteve reconhecimento do grande público após sua morte. É do mesmo Bacellar também os seguintes versos no poema “Balada do bairro do céu”,

- Corre xente! Chega povo
qui Cristo briga cum Pedro!

- Aonde é isso?
- No Céu!



- No Céu! Expriquem de novo...
- Tá havendo porrada grossa
no crube 'Todos os Santo':
Capuêra e anavaiaada
rabo-de-arraia, facada,
bufete no pé d'uvido.
Tá um fuzuê danado,
o Pedo tá de oio inchado
e o Cristo já foi firido
(2011, p. 52).

A narrativa do poema que conta a história de uma briga no “Clube Todos os Santos” reproduz no texto a linguagem popular dos personagens criados. Inclusive, aludindo e brincando com as personagens bíblicas Pedro e Cristo. O que queremos aqui salientar é a capacidade de Luiz Bacellar em fazer a língua variar. Mesmo nesse pequeno exemplo, já é possível ver a capacidade do poeta de Manaus que precisa descoberto pelo resto do país, em falar muitos idiomas dentro do seu próprio idioma. O uso da fala cotidiana no poema lembra a distinção que Bakhtin faz dos gêneros do discurso, pois é o aproveitamento de um gênero primário, o uso cotidiano da linguagem, por um gênero secundário, que é o texto elaborado literariamente. Temos assim uma prova inequívoca de que a linguagem é a variação e que seu sentido depende do seu uso em determinado contexto. As mesmas palavras ditas no mundo real por seres de carne e osso em dada situação produzem um efeito totalmente diferente de quando aparecem na moldura do texto poético.

Todas essas leituras podem ser frutíferas para a análise literária. Podemos pensar em que ponto um autor faz variar a língua dentro de seu próprio idioma? Que mundos ele cria e o que dizem os seres criados dentro desse seu mundo? Quantos territórios um autor pode sobrepor produzindo o que chamamos de efeito de multiterritorialidade? Em que medida, ao criar esse efeito, o autor minimiza sua “identidade” local ou nacional?

Filosofia da linguagem: uma teoria literária

A Filosofia da Linguagem nos atende neste trabalho como suporte teórico enquanto uma teoria que pode ser ferramenta no trabalho com literatura e geografia. As



definições de Teoria Literária são diversas. Nós a entendemos como uma teoria indispensável no trabalho crítico de análise do texto literário. Aqui a palavra crítica também tem uma importância central, pois é a partir dela que a análise pretendida se desenvolve como um olhar sob a lente de critérios determinados. Critérios, que obviamente, possuem certa flexibilidade, mas que por outro lado, garantem uma análise para além do censo comum. Assim, a crítica deve ser entendida como uma análise embasada em critérios de acordo com cada texto ou autor.

Os conceitos até aqui trabalhados, como o de enunciado e de dialogismo, demarcam uma forma de pensar sobre o texto. Nosso foco, enquanto pesquisadores da relação literatura e geografia concentram-se no texto literário que passa a ser concebido aqui como enunciado de natureza dialógica. E os enunciados que compõe o discurso literário devem ser o objeto central da análise. Tal abordagem procura distanciar de equívocos não raramente cometidos, como o de procurar obstinadamente traços do autor real, de carne e osso, no texto publicado. Evidente que esses traços existem e estão presentes no todo da obra. O grande problema é que apenas o texto justifica o texto. É uma questão de manter a coerência quando a proposta é análise da obra publicada do poeta e não uma biografia.

O enunciado é a realização da linguagem e é a manifestação de um enunciador. O que deve ficar saliente é que o homem histórico de carne e osso tem seus discursos, seus enunciados. O sujeito poético que se inscreve nos poemas, é outro sujeito do discurso. Assim é com toda produção artística. Tornar pública qualquer manifestação artística é, em parte, abdicar por parte do artista de sua propriedade. A partir de então, ela estará em constante diálogo com os leitores, ouvintes, espectadores, que, por conseguinte, não são seres passíveis, mas portadores em seus universos subjetivos, de inúmeras outras vozes.

A publicação de uma obra de arte é um acontecimento que delimita autor e obra. A partir de então a relação da poesia de um poeta constituirá novos agenciamentos que se darão, sobretudo, no campo da linguagem. Pensar a linguagem é pensar antes de tudo no acontecimento que ela envolve ou agencia. “São os acontecimentos que tornam a linguagem possível” (DELEUZE, 2011, p. 187). Os atos da fala, da escrita, de um



anúncio publicitário, de um canto trazem em si muito mais que o simples fato de marcarem uma diferenciação humana em relação às demais espécies. São acontecimentos humanos, que antes de qualquer outra coisa tornam-se “manifestações de um sujeito que se exprime” (2011, p. 187), não é apenas barulho ou ruído indistinto, mas a manifestação do sujeito intencional que segue um padrão compreensível aos seus interlocutores.

A relação entre a geografia e a literatura são dois discursos postos a discutir em um processo interdiscursivo não hierárquico. Para tanto, os conceitos sobre a linguagem enquanto rizoma de Deleuze e Guattari assim como o dialogismo em Bakhtin servem enquanto mediadores do trabalho interdisciplinar. A linguagem se espalha feito rizoma, não há princípio nem fim, apenas uma trama que ao se entrelaçar vai se constituindo em algo que adiante se entrelaça em outros tecidos infinitamente.

REFERÊNCIAS

- BACELLAR, Luiz. **Frauta de Barro**. Manaus: Ed. Valer, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 01. São Paulo: Ed. 34, 1995a. 96p.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 02. São Paulo: Ed. 34, 1995b. 112p.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ed. Ática, 2008.
- GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Porto Alegre: Ed. LP e M, 2012.



HAESBAERT, Rogério e BRUCE, Glauco. **A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. Rio de Janeiro, NUREG (Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização), artigo, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Toda poesia, 1965 – 1999**. Vol 1 e 2. Porto Alegre: Ed. LP e M, 2004.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.